

REVISTA BRASILEIRA, COSMOPOLITA: uma publicação de seu tempo e de seu país ¹

REVISTA BRASILEIRA, A COSMOPOLITAN MAGAZINE: a periodical from its time and country

Rachel Bertol ²

Resumo: *O estudo aborda o projeto editorial da 'Revista Brasileira' em sua terceira fase (1895-1899), levando em conta seus aspectos materiais, como o fato de ter sido financiada por uma sociedade anônima (algo não contemplado na sua bibliografia). Dirigida pelo crítico literário José Veríssimo como uma plataforma eclética de ideias, a 'Revista' correspondeu aos anseios de autonomia dos intelectuais (que botaram de lado a política para convergirem na divergência). Assim, fundaram a Academia Brasileira de Letras a partir da publicação, cuja proposta editorial espelhou, ainda, o projeto literário que Veríssimo compartilhava com Machado de Assis: brasileira mas não nacionalista, pretendia-se cosmopolita, em diálogo não reverente com literaturas e tradições editoriais do exterior. O objetivo era criar um movimento que desse relevância intelectual ao Brasil. Aponta-se para a importância de se observar a imprensa de então em suas esferas transnacionais e a crítica nos circuitos da rede discursiva.*

Palavras-Chave: *Revista cultural. Crítica literária. Cosmopolitismo. José Veríssimo.*

Abstract: *The text addresses 'Revista Brasileira' in its third phase (1895-1899), taking into account its material aspects, such as the fact that it has been structured as a joint-stock company (something not known in its bibliography). Directed by the literary critic José Veríssimo as an eclectic platform, it corresponds to the yearnings of autonomy of the intellectuals (who put aside politics to converge beyond their divergences). Thus, they founded the Brazilian Academy of Letters taking as a basis the magazine, whose editorial project also mirrors the literary project that Veríssimo shared with Machado de Assis: Brazilian but not nationalistic, it intended to be cosmopolitan through a non-reverent dialogue with literatures and editorial traditions from abroad. The objective was to create a movement that could give intellectual relevance to Brazil. The study points to the importance of observing the press in its transnational spheres and the criticism in the circuits of the discourse networks.*

Keywords: *Cultural magazine. Literary criticism. Cosmopolitanism. José Veríssimo.*

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Cultura das Mídias do XXVII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 05 a 08 de junho de 2018.

² Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação (Nepcom), da UFRJ, professora assistente de Jornalismo na UFF. Pesquisadora do grupo Imprensa e Circulação de Ideias: o papel dos periódicos nos séculos XIX e XX, da Casa de Rui Barbosa, na linha de pesquisa O texto jornalístico e a condição do jornalista em perspectiva histórica; pesquisadora da Biblioteca Nacional, no âmbito do Programa Nacional de Apoio à Pesquisa, em 2015-16. Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ com a tese *A crítica literária em circuitos jornalísticos: José Veríssimo na imprensa da belle époque carioca* (2016)-bolsa Capes. Doutorado Sanduíche na Universidade de Princeton, EUA (2014-15)-bolsa Faperj, rachelbertol@gmail.com.

1. O circuito da crítica

A crítica literária na imprensa, especialmente no que se refere ao período oitocentista, oferece frentes de pesquisa ainda inexploradas no campo da Comunicação³. Isso apesar de ter sido uma instância de bastante prestígio na cultura jornalística no século XIX, em sociedades então profundamente identificadas com a literatura. O crítico era visto como aquele que detinha os códigos da criação literária: assim, podia dispô-los de modo a ordenar o circuito cultural, no qual a literatura era central, e costumava concentrar poder e prestígio. Não se trata, portanto, de investigar o crítico exclusivamente a partir de uma lupa sobre os seus textos, mas de tomá-lo também a partir da sua atuação no circuito cultural, levando em conta as estratégias e as negociações buscadas para obter centralidade. No caso de José Veríssimo (1856-1916), o crítico literário de maior atividade na imprensa nas duas primeiras décadas da República⁴ – e eixo desta investigação –, quero analisar aqui como se deu sua atuação à frente da *Revista Brasileira*, que recriou e dirigiu entre 1895 e 1899.

A *Revista*, de alguma forma, foi vítima de seu sucesso. Em sua redação, fermentou a ideia de criação da Academia Brasileira de Letras (ABL), fundada em 1897, e sua história costuma ser abordada de maneira rápida quase como apêndice folclórico desse feito, ofuscada pela “imortalidade”. Invertendo o ponto de vista, porém, a investigação sobre a *Revista* indica que sua centralidade no meio intelectual do período não advém desse episódio. Tendo se tornado motor para a consolidação da política artística de toda uma geração, com Machado de Assis (1839-1908) e Joaquim Nabuco (1849-1910) à frente, ela congregou os intelectuais de maneira inédita na República – como se pode demonstrar inclusive por meio de documentos encontrados na pesquisa, que indicam que a *Revista* foi mantida por uma sociedade de ações, algo que a bibliografia a respeito ainda não contempla. Possuía um projeto editorial que abarcava o ecletismo de ideias e o sentido de “brasileira” que oferece no nome encerra, paradoxalmente, uma contradição em relação à ideia de nacionalismo então vigente e associa-

³ Uma hipótese para explicar essa ausência se deve à ênfase nas pesquisas da área à consolidação da figura do repórter e da reportagem. Na medida em que se construíram parâmetros ditos objetivos, aquilo que pudesse desestabilizar esse propósito – como a opinião e a literatura, que se associam à crítica – foi sendo deixado de lado. Há nesse sentido a construção de “relatos de autonomia” que, no entanto, na maneira como se constituíram, atualmente encontram-se em xeque, especialmente com as novas formas de circulação da cultura a partir dos ambientes digitais. A reportagem vem sendo deslocada do espaço a que havia sido elevada desde meados do século passado no Brasil. Sobre a busca de autonomia no jornalismo brasileiro, ver Ribeiro (2007).

⁴ Os outros dois críticos mais relevantes do período foram Sílvio Romero (1851-1914) e Araripe Jr. (1848-1911), que tinham presença significativa em jornais, porém menos constante.

se, por meio da atuação de Veríssimo, a uma esfera transnacional cosmopolita, na “republica mundial das letras” (CASANOVA, 2004).

O crítico, com a *Revista*, reforçou sua centralidade, mas não agia sozinho. A atividade crítica, portanto, não deve ser vista como limitada à escrita sobre os autores: há redes de convivência e invenção social em torno da escrita, constituindo-se e firmando-se numa instância coletiva. Nesse sentido, a *Revista Brasileira* foi o principal feito de Veríssimo.

Para compreender como se deu a atuação do crítico no que se refere à publicação, no que chamamos de “circuito”, parte-se da ideia de “instantâneo”, na proposição de Kittler (1990), cujo trabalho seminal teve como um de seus objetivos mostrar como surgiu a demanda pela crítica no romantismo alemão, no período que denomina “rede discursiva 1800”, e como esta começa a perder espaço na virada do século XIX para o XX, no limiar da “rede discursiva 1900”, que a sucedeu. Não se trata de uma estrita história intelectual (embora também o seja): no “instantâneo”, no caso deste trabalho, tem-se como objetivo “flagrar” o crítico em ação, em especial no espaço da redação, levando em conta as especificidades técnicas e as sociabilidades lá demandadas. Ou seja, é própria ideia de materialidade da comunicação – conceito desenvolvido por Gumbrecht e Pfeiffer (1994) a partir de Kittler – que surge na maneira como propicia a conjunção de ideias e a formação de sentidos. Para realizar esse propósito, a pesquisa em fontes primárias torna-se fundamental. Assim, buscaram-se subsídios não apenas na publicação, a partir do arquivo do periódico, como em material epistolar, outros periódicos, documentos diversos e referências na literatura do período etc.

O “instantâneo” é o método pelo qual se acessa a “rede discursiva”, expressão que se toma de empréstimo à tradução norte-americana de *Aufschreibesysteme (Discourse Networks)*⁵, um neologismo em alemão, título original da obra de Kittler e cuja tradução literal poderia ser “sistema de notação”. Não se trata apenas de um “discurso”, mas deste imbricado numa “rede” (aqui se prefere o termo “circuito”), ou um “sistema de notação” que dê conta dos códigos acionados e coordenados por um determinado meio de comunicação. Kittler (como Gumbrecht) toma a literatura como meio de comunicação⁶: trata-se de observar as condições que propiciam sua existência e a maneira como esta pode gerar sentidos.

⁵ Ver Muller e Felinto (2008).

⁶ Os “meios de comunicação”, na acepção de Kittler, não são apenas mídia (como jornais ou TVs) mas aparatos com possibilidade de gerar sentidos (a partir de seu “sistema de notação”), como o corpo, a psicanálise, uma cartilha de alfabetização etc.

O termo *rede discursiva* [...] também pode designar a rede de tecnologias e instituições que permitem a uma determinada cultura selecionar, estocar e processar dados relevantes. Tecnologias como as de impressão de livros e as instituições relacionadas a isso, como a literatura e a universidade, constituíram, portanto, uma disposição histórica muito poderosa, que na Europa da era de Goethe se tornou a condição de possibilidade para a crítica literária (KITTLER, 1990, p. 369; tradução minha⁷).

Se a crítica hermenêutica – que irá emergir no tempo de Goethe – tem na busca do sentido sua razão de ser, Kittler lembra que a sociologia da literatura, em oposição, aproxima-se dos textos como se fossem reflexos de relações de produção, tendo o trabalho como importante paradigma. Na sua perspectiva, entretanto, não há essa oposição. “A crítica literária tradicional, provavelmente porque se originou a partir de uma prática particular de escrita, investigou tudo sobre livros, exceto a maneira como processam dados” (KITTLER, 1990, p. 369). Segundo a análise fundamental de Wellbery (1990), a própria escrita de Kittler, nesse sentido, quer-se “pós-hermenêutica”. É um projeto grandioso (sem dúvida polêmico), que no escopo do atual trabalho não será possível dar conta, mas pode-se reter que o teórico alemão das mídias abriu um campo para muitas frentes de pesquisa⁸, o qual, segundo Winthrop-Young divide-se em dois principais grupos: o dos “esquerdistas” e o dos “direitistas” (apud PARIKKA, 2015, p. 187). Estes subordinam todo elemento humano às culturas técnicas e aos circuitos tecnológicos. Já os “esquerdistas”, menos intransigentes, admitem aportes de outros campos de investigação⁹.

Neste trabalho, o tema praticamente exige uma abordagem mais “esquerdistas”. Isso porque a *Revista Brasileira*, em seu tempo, se tornou uma meca intelectual na capital, para a qual convergiram os principais debates de seu tempo e – aspecto que também não aparece na bibliografia a respeito – possuía ramificações internacionais, na medida em que surge afinada com importantes tendências intelectuais expressas em revistas culturais de outros países. É a

⁷ No inglês: “The term *discourse network* [...] can also designate the network of technologies and institutions that allow a given culture to select, store, and process relevant data. Technologies like that of book printing and the institutions coupled to it, such as literature and university, thus constituted a historically very power formation, which in Europe of the age of Goethe became the condition of possibility for literary criticism” (KITTLER, 1990, p. 369).

⁸ Um exemplo é a atual corrente denominada “humanidades digitais”. Ver Hayles (2012). O objetivo é compreender como disciplinas de ciências sociais e humanas podem lidar com as inovações e as formas de pensamento decorrentes da tecnologia digital.

⁹ Uma defesa dessa posição encontra-se em Sterne (2012). Em sua história do mp3, quando trabalha com o importante conceito de “medialidade” cunhado por Wellbery (1990) a partir de Kittler (e que aqui não teremos como analisar), o autor reitera a utilidade de trazer a contribuição de outras áreas das ciências sociais e humanas para a análise da medialidade.

própria posição do Brasil no mundo que se leva em conta. Barbosa (1974)¹⁰, por exemplo, autor do mais importante estudo até hoje já realizado sobre Veríssimo, realiza uma análise pioneira sobre a atuação do crítico à frente da *Revista* – ao destacar o ecletismo que orientava seu projeto editorial –, mas não leva em conta o aspecto internacional.

Barbosa também não observa a contradição no fato de Veríssimo ser um crítico do nacionalismo e quase um antipatriota na visão de muitos contemporâneos. Assim, o sentido de “brasileira” que imprimia à publicação deveria ser matizado, ainda mais que o crítico acompanhava o que de mais novo havia nessa área no exterior. Nesse sentido, dava um viés cosmopolita à ideia de “brasileira”.

Sua associação com Machado de Assis desempenha papel crucial não apenas para o sucesso da publicação, como para a formatação do projeto editorial. Não se pode esquecer que Machado, em 1897, tornou-se o presidente perpétuo da ABL, que nasceu dentro da *Revista Brasileira* – ele era de fato o “chefe dos chefes”, na expressão que o próprio usou para José de Alencar (2008, vol. 4, p. 1.124), a quem escolheu como o patrono de sua cadeira na Academia. O escritor considerava Veríssimo o maior crítico da literatura brasileira e mesmo, segundo a interpretação de Guimarães (2004), seu “leitor ideal”. De seu lado, Veríssimo defendia Machado como o maior autor da literatura brasileira (e dizia isso inclusive para o futuro¹¹). Assim, podemos tomar Machado como o polo positivo em relação a ele no circuito da crítica, fazendo com que sua proposta fosse bem-vista (polo que tende a diminuir a partir de 1908, com a morte do escritor).

2. Um projeto editorial na ‘república mundial das letras’

É numa de suas primeiras críticas na capital, em janeiro de 1892, chegado há poucos meses da província (ele era natural do Pará), que Veríssimo sela sua associação com Machado de Assis. Ao realizar a apreciação de *Quincas Borba* (11.01.1892, *Jornal do Brasil*), o crítico rompeu com o “critério nacionalístico”, como disse, tributário que era de Sílvio Romero (a quem cita), ao destacar que, sob esse ponto de vista, o romance seria praticamente nulo. Assim, tornava-se adepto do “instinto da nacionalidade”, que Machado defendeu em artigo de 1873, pelo qual dizia que, para confeccionar uma obra brasileira,

¹⁰ O livro *A tradição do impasse* (1974) tem como origem sua tese de Doutorado, defendida na Universidade de São Paulo, sob orientação de Antonio Candido. Foi a primeira tese de teoria literária do Brasil.

¹¹ “E como eu creio que Machado de Assis será no século XXI um nome muito maior do que é hoje, tudo isso será precioso e a posteridade lhe será reconhecida meu caro Mário pela sua piedade para com ele” (VERÍSSIMO, carta a Mário de Alencar, 20.12.1908, acervo da ABL).

bastava ao escritor um “certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda que trate de assuntos remotos no tempo e no espaço”. Diante do texto machadiano, o crítico afirmou sentir vontade de despir-se de fórmulas: sua obra deveria ser lida “sem nenhum preconceito de escolas e teorias literárias” (1892). Ao reiterar como o emprego de fórmulas pode ser injusto, disse: “Eu por mim cada vez acredito menos nelas”.

Nessa crítica, de alguma forma, esboçou o projeto editorial que pôs em prática na *Revista Brasileira*, em sua terceira fase, a partir de 1895¹². A publicação se queria brasileira, mas não “nacionalística”, e mostrava-se aberta a diferentes escolas e teorias. O editorial em que anunciou seu programa evoca a crítica a *Quincas Borba*:

Republicana, mas profundamente liberal, aceita e admite todas as controvérsias que não se achem em completo antagonismo com a inspiração da sua direção. Em Política, em Filosofia, em Arte não pertence a nenhum partido, a nenhum sistema, a nenhuma escola. Pretende simplesmente ser uma tribuna onde todos os que tenham alguma coisa a dizer, e saibam dizê-la, possam livremente manifestar-se (VERÍSSIMO, *R.B.*, tomo I, 1895, p. 3).

Indícios encontrados na própria publicação (como veremos) mostram que, além de buscar se situar com vigor na cena local, a *Revista* almejava se posicionar na “república mundial das letras”. Ao observar esse aspecto, aponta-se uma lacuna que somente aos poucos vem sendo suprida nos estudos de história da imprensa – lacuna que (certamente não por coincidência) também marca as análises machadianos no Brasil.

Cardoso (2011), em seu estudo sobre os periódicos ilustrados no Segundo Reinado, lembra que a historiografia não reconhece devidamente o papel decisivo que os artistas gráficos estrangeiros tiveram para essas publicações. O autor destaca que esse “esquecimento” se deve ao pendor nacionalista que dirigia a maioria das pesquisas históricas sobre imprensa até meados do século XX, caso, por exemplo, do livro ainda incontornável de Sodré (1999). A “influência” estrangeira não é ignorada, mas é tomada somente de maneira transversal e as publicações locais são vistas quase que exclusivamente dentro de uma tradição nacional. Não se leva em conta o movimento propriamente em relação a congêneres internacionais, o que pode ser explicado parcialmente pelas dificuldades de pesquisa, já que

¹² Entre 1857 e 1861, a publicação foi dirigida pelo cientista Candido Batista de Oliveira, também pela Laemmert, com o título completo *Revista Brasileira, Jornal de Ciências Letras e Artes* e teve quatro tomos. Já na segunda fase, entre 1879 e 1881, dirigida por Nicolau Midosi, obteve grande sucesso. Machado lá publicou *Memórias póstumas de Brás Cubas* e Veríssimo teve um texto publicado nessa fase, quando ainda morava em Belém. Por meio dela começou a se tornar conhecido na capital. Doyle (1995) aponta outra fase, que não teve muita repercussão, de 1855, sob a direção de Francisco de Paula Menezes. Veríssimo conhecia essa fase, mas não chega a levá-la em conta, certamente por não ter tido impacto.

para realizar esse propósito seria preciso conhecer um pouco melhor a história das publicações no exterior (tarefa facilitada hoje pelos arquivos digitais).

Já no caso machadiano, lembra Rocha (2005), por muito tempo as pesquisas se concentraram no debate “sobre os possíveis laços entre o trabalho do autor e a realidade local” (p. 11). Machado teria sua obra analisada somente a partir dos dilemas da História brasileira, sem que seja situado no âmbito da “república mundial das letras”, embora trave intenso diálogo com literaturas de escopo universal, notadamente com Shakespeare. Assim, Rocha propõe o desenvolvimento de ferramentas analíticas para lidar com essa esfera, levando em conta suas desigualdades e a condição periférica do Brasil – e já se vê como o tema que abordamos exige aportes variados. Sua proposição, inclusive pela participação decisiva de Machado na *Revista Brasileira* – ele foi o fiador do prestígio desta –, pode ser transposta em parte para o caso da publicação.

Na “república mundial das letras”, que o próprio Rocha¹³ toma como ponto de partida, reconhece-se que há uma história da literatura além da esfera nacional, que nem sempre coincide com os limites, os capitais e as formas de comunicação predominantes no mundo político e econômico (CASANOVA, 2004, p. 11). Assim, o século XIX viu a chegada na cena internacional das literaturas do continente americano, que, segundo a autora, “geraram novas demandas para a existência literária” (p. 11). No início do século XX, Larbaud já falava na necessidade de uma abordagem global para a crítica literária, a partir da emergência do “intelectual internacional” (apud CASANOVA, 2004, p. 5). Com hierarquias próprias, a esfera transnacional da literatura teria sua geografia baseada na oposição entre um centro, de um lado, e uma dependência periférica deste, definida por uma “distância estética” (p. 12).

De fato, observa Rocha, o fantasma de uma “modernidade atrasada” sempre assustou o intelectual latino-americano, e o desejo de estar em dia com as correntes consideradas as mais modernas fez com que muitas vezes ele se lançasse em corridas vãs (2006, p. XXIV). Se há uma “distância estética” em relação a um centro, supõe-se que a periferia esteja-lhe em tempo posterior. No entanto, a proposição de Castelnuevo e Ginzburg põe em questão esse esquema “um tanto maniqueísta” (ROCHA, 2005, p. XXIII). Considerar apenas o “atraso” equivaleria a um esquema tautológico que eliminaria a dificuldade ao querer lidar com ela: “Vista de uma perspectiva polivalente, a relação entre centro e periferia revela-se muito

¹³ Rocha diz que “apesar de seu inquestionável compromisso”, o livro de Casanova é atravessado pelo uso de adjetivos inadequados, tais como “pequenas” línguas, que contradizem suas premissas (2005, p. XXXIV).

diferente de uma imagem pacífica [...]. Não se trata de uma questão de difusão, mas de conflito” (CASTELNUEVO; GINZBURG apud ROCHA, 2005, p. XXIII).

O ponto seria chave para se compreender a maneira como a *Revista Brasileira* buscou se posicionar em relação a congêneres internacionais. Rocha afirma que Machado toma a suposta ideia de “atraso” como um projeto crítico ao trabalhar com a ideia de um “anacronismo deliberado” em relação à tradição literária, que o autor praticaria à maneira do Pierre Ménard borgiano, “autor” de *Quixote*. Há irreverência e ironia, portanto, em relação à tradição literária. De seu lado, Veríssimo certamente não via a *Revista Brasileira* como “atrasada” internacionalmente (bem ao contrário) e tampouco mantém uma postura reverente, sendo a ironia uma das pedras-de-toque de seu projeto, tão afinado ao gosto machadiano.

Albuquerque (2017) defende, a partir de *Instinto de nacionalidade*, “a afirmação de um Machado de Assis de índole muito mais cosmopolita” (ele se refere sobretudo a Baptista¹⁴), ao destacar a maneira como o escritor reconhecia a “existência de um mundo literário concreto, que tem uma geografia, uma construção, uma temporalidade, uma moral, leis e políticas próprias”. Como diz, trata-se do campo da *world literature*¹⁵. É no próprio terreno da “materialidade”, à maneira de Gumbrecht/ Kittler, que assim nos encontramos. Wellbery lembra que a proposição de Kittler, com sua construção de “instantâneos”, pode ser enriquecida por aportes da *world literature*, que se realiza no trânsito, “no comércio, na troca, na comunicação” (1990, p. XVIII). A consciência de Machado desse mundo concreto, segundo Albuquerque, inclusive pelo reconhecimento de que o Brasil teria um capital literário “pobre e que carece de corporização”, possivelmente não se separa de seu desejo de afirmação pessoal. Com esse intuito, o autor de *Quincas Borba* teria tido ainda o “vislumbre dos benefícios” de buscar o suporte de uma afirmação coletiva. Sua literatura fala por si, mas esse propósito não é estranho ao da própria *Revista Brasileira*.

3. União dos contrários numa sociedade de ações

Ana Maria Martins, em *Revistas em revista* (2001), cita o amadorismo como traço das revistas do século XIX e nada apresenta sobre a sociedade comanditária da *Revista*

¹⁴ Abel Barros Baptista, O episódio brasileiro, em *A formação do nome* (Ed. Unicamp, 2003). Albuquerque não cita Casanova mas a ideia que levanta de “mundo literário” encontra evocações naquela de “república mundial das letras”. Inclusive, ambos têm Larbaud como inspiração. “Il y a une grande différence entre la carte politique et la carte intellectuelle du monde”, diz o francês citado por Albuquerque.

¹⁵ A proposição lançada por Goethe no início do século XIX, de uma *Weltliteratur*, é adjetivada por Rocha (2005) como superada (“*outmoded*”, no original), mas ele não explica o motivo.

Brasileira, ao contrário do que fará para *Revista do Brasil*, criada em 1916 nesses moldes (e que em muitos aspectos se inspira na *Revista Brasileira*). Wilson Martins, embora dê destaque à publicação de Veríssimo como o acontecimento mais importante de 1895 no “campo do periodismo” no país (1977-78, p. 484), também nada fala sobre as ações em comandita, assim como Sodré, que enfatiza a posição proeminente conquistada pela *Revista Brasileira* no panorama da imprensa literária da época (1999, p. 267). A informação, todavia, não deveria ser menosprezada.

A pesquisa no acervo de Oliveira Lima (1867-1928) revelou¹⁶, em meio às cartas que recebeu de Veríssimo, dois recibos que comprovam a participação do diplomata como sócio no empreendimento – e confirmam a existência deste. No período inicial da sua correspondência, que começa em 1896 (e vai até 1915), a *Revista* é o tema dominante, assim como se fará muito presente nesse tempo na de Machado de Assis, reunida pela ABL. Disputava-se espaço em suas páginas.

Segundo os dados obtidos a partir dos recibos, cerca de 200 pessoas pelo menos teriam se associado à “Revista Brasileira – Sociedade em commandita por acções J. VERÍSSIMO & CIA”¹⁷. A iniciativa de congregar os intelectuais foi tomada para o segundo ano da *Revista*, já que no primeiro ela foi editada pela Laemmert. Essa mudança também não costuma ser levada em conta. Doyle (1995) é dos poucos a observá-la – a novidade surge no fascículo 24 – mas ele também não cita a sociedade comanditária.

Machado acompanhava tudo de perto. Quando ocorre a mudança de editor após o primeiro ano, conta a novidade a seu grande amigo Magalhães de Azeredo (1872-1963), poeta e diplomata que morava na Itália:

Tem lido a *Revista Brasileira*? Vai passar agora a uma sociedade anônima, com cinquenta contos de capital. Creio que é já no princípio do ano. Tem dado bons trabalhos, e há dedicação da parte dos que escrevem, e muito zelo na direção do José Veríssimo. Amigos deste têm tomado a peito levar a cabo a nova forma da publicação. (ASSIS, Machado. Carta de 09.12.1895, 2011, p. 129)

O sucesso desse *crowdfunding* oitocentista fez com que a centralidade de Veríssimo, enquanto crítico, se reforçasse. Em 12 de janeiro de 1896, Machado voltou ao assunto com Azeredo: “José Veríssimo trata agora, como deve saber, de a melhorar e consolidar. Tem bons auxiliares consigo; está formando uma sociedade em comandita para assegurar-lhe

¹⁶ A correspondência, composta de 180 cartas de Veríssimo para o diplomata, encontra-se na Universidade Católica da América, em Washington. São cerca de mil páginas manuscritas, inéditas, transcritas por mim para a pesquisa.

¹⁷ Optei por atualizar a ortografia, seguindo o padrão de recentes coletâneas.

capital” (2011, p. 139). O crítico promoveu jantares mensais para reunir os sócios e o primeiro aconteceu em 12 de maio de 1896. Machado se deliciou com os convivas:

Chego ao hotel do Globo. Subo ao segundo andar, onde acho já alguns homens. São convivas do primeiro jantar mensal da *Revista Brasileira*. O principal de todos, José Veríssimo, chefe da *Revista* e do Ginásio Nacional, recebe-me como a todos, com aquela afabilidade natural que os seus amigos nunca viram desmentida um só minuto. Os demais convivas chegam, um a um, a literatura, a política, a medicina, a jurisprudência, a armada, a administração [...]. Ao fim de poucos instantes, sentados à mesa, lembrou-me Platão; vi que o nosso chefe tratava não menos que de criar também uma República, mas com fundamentos práticos e reais. O Carceler podia ser comparado, por uma hora, ao Pireu. Em vez das exposições, definições e demonstrações do filósofo, víamos que os partidos podiam comer juntos, falar, pensar e rir, sem atritos, com iguais sentimentos de justiça. Homens vindos de todos os lados, – desde o que mantém nos seus escritos a confissão monárquica, até o que apostolou, em pleno Império, o advento republicano – estavam ali plácidos e concordes, como se nada os separasse (MACHADO, 17.05.1896, *A Semana* apud MARTINS, 1977-78, p. 484).

Como pano de fundo, tornando mais óbvio o motor gregário, tem-se o investimento na Sociedade J. VERÍSSIMO & CIA. Em 16 de agosto de 1896, Machado escreveu sobre o quarto jantar mensal: “[...] enquanto o espírito não falir, a *Revista* comerá os seus jantares mensais até que venha o centésimo, que será de estrondo” (apud ARANHA, 1923, p. 126). Em pequenos anúncios daquele ano, como indicou a pesquisa, a *Revista* chamou para o depósito do pagamento das parcelas da sociedade. Em 25 de setembro, no *Jornal do Commercio*, o “diretor-gerente” José Veríssimo (seu nome não aparecia com a designação de gerente na publicação) assinou nota avisando que os “senhores acionistas são convidados a fazer a segunda entrada de 20% (20\$ por ação), desta data a 10 de Outubro futuro, no escritório da Revista”.

Em 17 de fevereiro, também no *Jornal do Commercio*, publicou o primeiro balanço, com saldo positivo de 5:105\$680 (é outro documento que não era conhecido). Laemmert continuou sócia, ainda que com pequeno investimento (367\$950). A maioria foi obtida com os acionistas (32:400\$000), e um pouco por empréstimos (8:965\$000, no Banco do Brasil). Portanto, houve intenso trabalho de administração realizado por Veríssimo, embora ele não fale a respeito nas cartas e nem na *Revista*. Vê-se, ainda, que contava com o apoio de amigos, como o do jovem Graça Aranha, que assinou o balanço como membro do conselho fiscal (Veríssimo era seu melhor amigo na época).

Sócios de todas as correntes juntaram-se à publicação, que não tinha (e nem queria) fechar-lhes as portas. Toda nova edição era motivo de notícia no *Jornal do Commercio*, que contava aos leitores o que lá encontrariam. O projeto correspondeu aos anseios dos

intelectuais, que se sentiam cansados das disputas políticas dos anos anteriores (da Abolição e do início conturbado da República). Espelhava-se na *Revista* o desejo de uma República ideal, como observa Wilson Martins a partir da crônica de Machado sobre o primeiro jantar. Segundo Barbosa (1974), era um meio para a conquista de autonomia intelectual, algo que iriam reforçar com a ABL. Vem do escritor Coelho Neto (que não era amigo de Veríssimo) uma das mais vívidas descrições do ambiente:

Duas salas acanhadíssimas: redação em uma, secretaria em outra. Dos sócios da casa o menos assíduo era o sol, representado quase sempre, pelo gás, porque, desde a escada, tinha-se a impressão de que, em tal cacifro, mal os galos começavam a cantar matinas, a Noite recolhia a sua sombra... Na redação, reuniam-se, diariamente, chuchurreando um chá childro, José Veríssimo, diretor da *Revista*, Paulo Tavares, secretário, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Lúcio de Mendonça, Graça Aranha, Paula Nei, Domicio da Gama, Alberto de Oliveira, Rodrigo Octávio Ramos, e Filinto de Almeida. Por vezes apareciam Bilac, Guimarães Passos, Raimundo Correia, Valentim Magalhães, Pedro Rabelo e outros. Com o negrume do recinto contrastava o brilho da palestra que ali se travava. Se as ideias fulgissem e as imagens relumbrassem, certo não haveria em toda a cidade casa mais iluminada do que aquela. Infelizmente, porém, apesar dos conceitos diamantinos de Machado de Assis, do esplendor dos períodos de Nabuco, da cintilação do espírito de Lúcio e dos paradoxos relampejantes de Paula Nei, era necessário manter sempre aceso um bico, ao menos, de gás, para que tantos luzeiros não andassem aos esbarros desmantelando pilhas de brochuras, abalroando nas mesas, que eram duas, uma das quais de pinho réles e tripeta, claudicando sob o peso glorioso de obras-primas à espera de editores (NETO apud NEVES, 2008, p. 176-77).

Ao todo, foram 19 tomos em 93 fascículos. Os artigos tratavam, além da literatura, predominante, de temas jurídicos, antropológicos, científicos, financeiros, políticos, amazônicos. Emílio A. Goeldi, diretor do Museu Paraense, e Luiz Cruls, do Observatório Astronômico, estavam entre os assíduos colaboradores. Faziam-se presentes as mais variadas correntes. Um dos mais frequentes foi o poeta simbolista Alphonsus de Guimaraes (exponente de corrente da qual Veríssimo não era grande admirador). Nina Rodrigues, que viria a ser autor de estudos sobre antropologia criminal de fundo racista, lá publicou, entre outros, “O animismo fetichista dos negros baianos”, em diferentes fascículos dos tomos VI e VII de 1896, trabalho pioneiro sobre as religiões, os cultos e as práticas mágicas dos negros baianos. Sílvio Romero – desafeto de Machado e de Veríssimo – também era colaborador.

Veríssimo mantinha a coluna Bibliografia, que revezava com outros autores, dedicada à crítica, às vezes brevíssima. No restante, a *Revista* costumava publicar ensaios e trechos de inéditos. Machado foi tema de estudos (como o de Araripe Jr., na estreia, sobre seu humor) e lá publicou textos em que se destaca *O Velho Senado*, a crônica de suas memórias de repórter do Senado imperial. Nabuco antecipou trechos de *Um estadista do Império*, assim como

Graça Aranha, sob o pseudônimo de Flávia do Amaral, testou a recepção a partes de *Canaã*. No último número, em meados 1899, Veríssimo publicou trecho de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (tempos depois, apresentou o escritor aos editores da Laemmert e escreveu a primeira crítica da obra, que ocupou a metade da primeira página do *Correio da Manhã*, consagrando o livro diante do público e dos críticos).

Naquele fim de século, chegava o momento de convergir na divergência, como afirmou Nabuco no discurso com que inaugurou a ABL, em julho de 1897. Não se trata, assim, de uma ausência de projeto editorial, como a princípio pode parecer. A sociedade de ações contribuiu para a vocação de tribuna eclética, e isto não é mero detalhe e não é à toa.

Rocha (2005) lembra que o fato de Machado estar situado fora do centro do mundo capitalista fez com que pudesse lançar um olhar profundamente crítico e irônico a noções consideradas universais (p. XXIX). A paródia das teorias científicas da época, no que chamou Humanitismo, a “religião” de Quincas Borba, seria “a ilustração perfeita de uma zombaria sofisticada” do positivismo, do evolucionismo social, do behaviorismo e até do espiritualismo (ROCHA, 2005, p. XXXI).

Veríssimo havia escrito que, diante do texto machadiano, sentia vontade de se despir de teorias e escolas, e foi o que pôs em prática na *Revista Brasileira*. Concordava com Machado, que lhe dissera que faltava ao Brasil “público de revistas” em carta que lhe enviara em 1883 quando o crítico ainda morava em Belém¹⁸ e era editor da *Revista Amazônica*. Essas palavras foram citadas por Oliveira Lima anos depois, em momento de afirmação dos seus propósitos, sinal de que nunca as esqueceu¹⁹. A questão da leitura (como pode haver literatura sem leitores?) era-lhes cara e não se pode esquecer que, além de crítico, Veríssimo foi professor e pensador sobre questões educacionais, autor de *A educação nacional* (1890). Desde os anos da *Revista Amazônica*, que ele próprio lançara, já tinha claro o seu objetivo (quando dirigiu a *Revista Brasileira*, portanto, era experiente): tratava-se de criar uma massa crítica que pudesse dar relevância intelectual ao Brasil. Assim, ele queria mais que meros leitores (e o mesmo pode ser dito sobre Machado: sua literatura exigia mais que isso). No primeiro editorial da *Revista Amazônica*, destacou:

¹⁸ Essa correspondência foi publicada pela ABL, tomo II (2009).

¹⁹ “Esta [*Revista Brasileira*] vai indo, ganhando terreno é certo, mas muito lentamente. Ainda não temos, como me dizia há muitos anos o Machado de Assis, nem público, nem escritores de Revista. Creio, porém, que é teimando que conseguiremos, uma e outra coisa” (VERÍSSIMO, carta a O.L., 27.02.1896). Carta inédita.

Não basta – cremos nós – produzir borracha, cumpre também gerar ideias; não é suficiente escambar produtos, é ainda preciso trocar pensamentos; e um desenvolvimento material que se não apoiasse num correlativo progresso moral seria, não somente improficuo, mas funesto, pela extensão irregular que daria aos instintos – já a esta hora muito exagerados – do mercantilismo (REVISTA AMAZÔNICA, tomo I, 1883, vol. 1, p. 5).

Não é o caso de se acomodar a um autoexotismo, a preconceitos do estrangeiro, como lembra Rocha (2006) ao analisar a proposta cosmopolita de Machado. Trata-se, antes, de uma visão mais afinada à que se verá no *Manifesto Pau Brasil* (1924), de Oswald de Andrade. Um dos motes do texto, continua Rocha, é a defesa da autonomia do Brasil por meio de sua cultura (2006, p. XXXIV), e não apenas pela venda de recursos naturais. Propósito pelo qual, sem dúvida, a *Revista Brasileira* se bateu.

4. Revista das revistas

Ávido leitor de periódicos estrangeiros, José Veríssimo almejava que a *Revista Brasileira* fosse conhecida no exterior. Em 15 de setembro de 1895, é possível ler na francesa *La revue des revues: un recueil des articles paraissant dans les revues françaises et étrangères*: “Rédaction de la *Revista Brasileira* à Rio de Janeiro. C’est fait. Attendrons vos envois”, p. 200 (Redação da *Revista Brasileira* no Rio de Janeiro. Feito. Esperamos seus envios)²⁰. *La revue des revues* era especializada em publicar resumos do conteúdo de revistas. Fora lançada em 1890, no mesmo ano em que apareceu em Londres *The review of reviews* com o mesmo objetivo. Veríssimo lia as duas publicações.

Na seção dedicada à América do Sul, *La revue des revues* costumava apresentar as edições da *Revista Brasileira* com alguns comentários. Em geral, escreviam palavras positivas, mas um comentário, publicado em 1º de fevereiro de 1898, pegou Veríssimo de surpresa. Os franceses disseram que não havia nada de real importância na edição de 15 de dezembro de 1897. Os dois únicos artigos de valor, afirmavam, era um de Oliveira Lima, sobre suas impressões dos Estados Unidos, e outro de Magalhães de Azeredo sobre a Itália. Mas esses dois textos “nada têm a ver com o Brasil”. E isso era algo a lamentar, ainda mais, diziam, que a *Revista Brasileira* era “quase o órgão oficial” da ABL.

O editor não hesitou em responder aos franceses na primeira edição de 1898 (p. 246). Foi praticamente uma nota, de tom irritado (inclusive no sumário ele se equivocou e, no lugar de *La revue des revues*, escreveu o nome da *Revue des deux mondes*). A nota, embora breve,

²⁰ Consulta feita na Biblioteca Nacional da França em seu acervo online de periódicos.

esclarece seu projeto cosmopolita. É possível analisá-la em duas partes, como farei.

A primeira parte se refere ao modelo que escolheu para a *Revista Brasileira*. Veríssimo reiterou que mesmo nas mais famosas publicações desse gênero no mundo, como *Revue des deux mondes*, *Nineteenth Century*, *Deutsche Rundschau*, *Nuova Antologia* – “e mesmo *La Revue des revues*” – havia números por ventura fracos. Mas não seria esse o caso da edição criticada pelo periódico francês. Ainda a respeito do artigo de Azeredo, que a *Revue* disse ser interessante, teciam-se ressalvas e Veríssimo lembrou que outros textos do autor sobre o mesmo tema (tratava-se de uma série sobre a Itália) tinham sido bem recebidos pela publicação. “Não imaginamos que movimento de mau humor fez mudar a *Revue des revues* respeito ao trabalho do nosso distinto colaborador” (p. 247).

Sua resposta abre um horizonte de referências que inspiravam a *Revista Brasileira*. Embora estivesse em sua terceira fase (conectada a uma tradição nacional), a publicação mantinha-se atualizada em relação ao movimento internacional. Certamente, sua principal referência era *Revue des deux mondes*, dirigida no fim do século XIX pelo prestigiado crítico francês Ferdinand Brunetière. Num de seus artigos na *Revista Brasileira*, Oliveira Lima escreveu que a publicação francesa era o “repositório [...] no qual [...] continua a encontrar-se a nota literária do dia, o eco nítido de todas as transformações mentais do século” (O romance francês em 1895, *R.B.*, p. 35, jan-mar, 1896).

A importância da *Revue des deux mondes*, criada em 1829, pode ser explicada por sua longa existência e presença assídua entre os leitores brasileiros (o escritor Lima Barreto foi encontrado morto, em 1922, com um número dela no colo). No tempo do Império, a publicação, como destacou Gilberto Freyre, era a mais influente no Brasil (apud CAMARGO, 2014), lida por D. Pedro II e citada em obras literária. Quincas Borba, por exemplo, tinha o hábito de ler a revista francesa. Em 1894, quando Brunetière tornou-se o editor e gerente da publicação, criou em torno dela um movimento de intelectuais (CAMARGO, 2014). Foi este também o molde de congregação adotado pela *Revista Brasileira*, embora Veríssimo e o crítico francês não compartilhassem do mesmo fundo de ideias – a começar pelo fato de Brunetière²¹ ser católico e Veríssimo (como Machado), ateu.

As outras revistas citadas adotavam praticamente o mesmo modelo: tornaram-se importantes referências sobre a maneira como os intelectuais se organizavam no fim do

²¹ O francês era bastante lido no Brasil, tido como determinista, especialmente por sua tentativa de criar uma crítica influenciada por Darwin.

século XIX. *Nineteenth Century* (1877) foi criada para apresentar os principais debates em curso na Grã-Bretanha. Brake (1994) destaca que foi uma das mais radicais em seu tempo por publicar lado a lado textos filosóficos e teológicos divergentes, deístas e ateístas, por acerbispos e cientistas. A heterogeneidade foi sua marca, tornando-a “um espaço aberto para os melhores trabalhos com posições divergentes” nessas áreas (1994, p. 51) – como vimos, a heterogeneidade também é marca da *Revista Brasileira*. E a publicação britânica contou ainda com uma rede de sociabilidade como apoio (mesmo caso da congênere brasileira), a partir da Sociedade Metafísica, que lhe fornecia temas e colaboradores.

A alemã *Deutsche Rundschau* (1874), de seu lado, também possuía grande prestígio na Alemanha, com debates sobre política, cultura e literatura, tendo sido banida na Segunda Guerra por se opor ao nacional-socialismo. A outra revista citada por Veríssimo, *Nuova Antologia* (1865), era muito produtiva no fim do século XIX e ainda circula, tendo sido considerada a mais importante publicação intelectual da Itália por muito tempo (deve-se assinalar que a própria *Revista Brasileira* ainda existe e se tornou desde os anos 1930 a principal publicação da ABL). Todas essas revistas eram ainda graficamente parecidas, com sua aparência de livro.

Veríssimo, portanto, oferece um ponto de vista privilegiado para o mapeamento das estratégias adotadas pelos intelectuais num período de desenvolvimento dos mercados editoriais. Havia uma espécie de anel de conexões, que por suas pistas conseguimos iluminar. Nesse sentido, o Brasil participa dos debates de seu tempo. Para compreender a extensão dos projetos que se firmavam não basta somente a análise das tradições nacionais, às quais a *Revista* também se filiava. As publicações da segunda metade do século XIX, já sob o impacto de tecnologias que davam velocidade às trocas, devem ser analisadas também por meio de suas conexões transnacionais.

A segunda parte da resposta de Veríssimo se refere mais diretamente ao debate sobre nacionalismo. O crítico lembrou seus leitores que a revista francesa parecia querer culpar a *Revista Brasileira* por não tratar exclusivamente do Brasil e dos temas brasileiros. “A censura não tem nenhuma razão de ser” (p. 247), escreveu. Era pelo menos a terceira vez que *La revue des revues* mostrava-se surpresa pelo fato de a publicação não se limitar a questões brasileiras. Mas por que deveria se limitar?

“O eminente diretor da *Revue des revues* sabe melhor que ninguém que o título nacionalístico de uma revista não a obriga a confinar-se em coisas nacionais”, reiterou. Mais

uma vez, ele listou publicações variadas, de diferentes países, que apesar de seu nome nacionalístico não limitavam seus conteúdos geograficamente. “Nem só dos respectivos países tratam a *Deutsche Revue*, ou a *Revue de Belgique*, ou a *Revista de Espana* ou a *North-American Review*, mas de quanto possa interessar um público inteligente e culto” (p. 248).

Em suas observações aparentemente simples, Veríssimo formulou questões sofisticadas sobre controvérsias que atravessam gerações de debate intelectual no país. Que lugar deveria o Brasil ocupar no quebra-cabeça de ideias e soberania intelectual? Na visão dos franceses, o Brasil não estaria apto a expressar-se sobre questões relevantes de cunho internacional. Veríssimo tentou inverter essa lógica (sem abandonar o seu sentido de ironia). Afinal, como um povo bárbaro poderia almejar ter um público “inteligente e culto”?

Sobre as revistas a que Veríssimo fez referência, *North-American Review* é celebrada como a primeira revista literária dos EUA, fundada em 1815. A *Revista de Espana* (1868-1895) também influenciou o debate literário, assim como *La revue de Belgique* (1869-1914), um caso especialmente interessante a se observar por ser uma publicação de país bilíngue. Tack (2001) destaca, a partir das relações interculturais que a publicação estabeleceu, o seu “internacionalismo literário”²². Segundo o autor, a maioria das revistas literárias na Bélgica se engajou na apresentação de autores estrangeiros.

Veríssimo dava seu recado para a revista francesa, mas também para os brasileiros. Seus princípios eram princípios editoriais que punha em prática. O editor propunha conectar o “título nacionalístico” a uma perspectiva internacional. Os brasileiros também não deveriam se proteger ou fechar-se ou ainda temer qualquer tipo de presença internacional. No sentido inverso, não deveriam se sentir intimidados a pensar de maneira ampla sobre questões internacionais ou a ter aspirações universais. Finalmente, o crítico encerrou sua breve resposta explicando, com certa impaciência, que a *Revista Brasileira* não era a publicação oficial da recém-criada ABL.

O crítico via-se numa encruzilhada: para os franceses, ele não era suficientemente brasileiro; para muitos brasileiros, não era suficientemente nacionalista. Sua ação editorial espelhou essa perspectiva, e o “instantâneo” de sua atuação pode mostrar os dilemas que viveu. A ideia de “internacionalismo literário”, lançada para o estudo dos trânsitos

²² No início da Primeira Guerra, Veríssimo se tornou o líder da Liga Pró-Aliados, altamente engajado contra os alemães, a quem considerava “bandidos de além-Reno”, como escreveu em suas cartas a Oliveira Lima, condenando militarismo alemão e sua defesa de um “tipo sociológico único”, como dizia. O crítico nesses anos se tornou um fervoroso adepto do internacionalismo e do socialismo. Vê-se sua abertura para a questão.

internacionais dos periódicos, poderia ser um passo para se aprofundar a ideia de *world literature*, retomada ainda nos últimos anos por autores como Moretti (2000), que questiona a constituição de “cânones nacionais” e se refere mais especificamente aos livros. No caso das revistas, é preciso um olhar mais direto sobre sua natureza efêmera, periódica, fragmentária, em geral obras coletivas relacionadas a um forte sentido de sociabilidade.

5. Considerações finais

Em 1917, Lima Barreto planejou criar uma revista literária que se chamaria *Marginália*. Corrêa (2016), cuja pesquisa revelou 164 textos inéditos do autor publicados sob pseudônimos em periódicos, afirma que seu projeto era o de uma publicação que seria um meio-termo entre as revistas ilustradas, como *Fon-fon* e *Careta*, de grande sucesso de público, e as intelectuais, que permitiam “esclarecer fatos e opiniões” (BARRETO apud CORRÊA, 2016, p. 25). Entre estas, cita somente publicações estrangeiras como importantes para o escritor, como as francesas *Revue des deux mondes* e *Mercure de France*²³ (p. 23). Não cita nenhuma publicação intelectual brasileira, como a *Revista Brasileira*, que, no entanto, havia sido a principal desse tipo no país no fim do século XIX e da qual Barreto foi leitor ainda muito jovem (como toda a sua geração). Mas não se deveria diminuí-la como modelo local. Na quinta prateleira da “limana”, a biblioteca que Lima Barreto mantinha em sua casa de Todos os Santos, ficava, segundo sua relação, a “Revista Brasileira (J. Veríssimo). 16 vols. Encadernado” (apud BARBOSA, 2012, p. 383). No *Diário Íntimo*, há duas referências à publicação. Numa delas, sem data, recomenda a leitura da *Revista* para se saber mais sobre as descobertas do naturalista Peter Lund (2011, p. 12). Em outro trecho, também sem data, contava ter lido nela aos 14 anos um trecho que o marcou: “Oh! A ciência! Eu era menino, tinha aquela idade, andava ao meio dos preparatórios, quando li, na *Revista Brasileira*, os seus esconjuros, os seus anátemas... Falavam as autorizadas penas do senhor Domício da Gama e Oliveira Lima” (p. 48).

A publicação também não aparece entre os antecessores que teriam inspirado, em 1916, a criação da *Revista do Brasil*, editada a partir de 1918 por Monteiro Lobato e que também conquistou importante centralidade no debate intelectual (DE LUCA, 1999). A autora cita como antecessores da publicação as revistas ilustradas de grande sucesso, mas não chega a conectar a *Revista do Brasil* a uma tradição de publicações intelectuais no país.

²³ Fiz essa observação em artigo sobre a relação de Lima Barreto com José Veríssimo (BERTOL, 2017).

Veríssimo, porém, foi convidado a ser colaborador da nova publicação e assina um artigo em seu primeiro número; no segundo, recebeu uma homenagem de Mário de Alencar, um alentado estudo a seu respeito: o crítico havia morrido em fevereiro de 1916. Em muitos aspectos, seria possível comparar uma publicação à outra.

O crítico, assim, expressa seu programa como articulador cultural. Vê-se que mesmo dentro da tradição nacional ainda há conexões a se explorar, o que dá a ideia do quanto se poderia descobrir sobre suas redes transnacionais. Trata-se de pesquisa que não precisa ficar restrita à *Revista Brasileira*: é projeto que se estende para toda uma geração de periódicos, inclusive jornais.

Referências

- ALBUQUERQUE, João. O nacional cosmopolitismo de Machado de Assis. In: **Machado de Assis em linha**, São Paulo, v. 10, n. 21, p. 105-118, agosto 2017.
- ARANHA, Graça (org., introdução e notas). **Correspondência**: Machado de Assis e Joaquim Nabuco. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia. Editores, 1923.
- ASSIS, Machado de. **Obra completa em quatro volumes**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2008.
- _____. **Correspondência de Machado de Assis** (cinco tomos). Coordenação e orientação Sergio Paulo Rouanet; reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2009-2015.
- BERTOL, Rachel. Em torno da crítica literária em jornal: sobre Lima Barreto e José Veríssimo. In: **MATRIZES**. V. 11, n. 2, maio/ago, 2017, p. 249-270.
- BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto** (1881-1922). 10ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- BARBOSA, João Alexandre. **A tradição do impasse**: Linguagem da crítica & crítica da linguagem em José Veríssimo. São Paulo: Ática, 1974.
- BARRETO, Lima. **Diário íntimo**. São Paulo: Globus Editora, 2011.
- BRAKE, Laurel. **Subjugated knowledges**: journalism, gender & literature in the nineteenth century. Londres: The Macmillan Press, 1994.
- CAMARGO, Katia Aily de. **A Revue des deux Mondes: intermediária entre dois mundos**. Natal, RN: EDUFRN, 2014.
- CARDOSO, Rafael. Projeto gráfico e meio editorial nas revistas ilustradas do Segundo Império. In: KNAUSS, Paulo... (et al.), orgs. **Revistas ilustradas**: modos de ler e ver no Segundo Reinado. Rio de Janeiro: Maud X: Faperj, 2014.
- CASANOVA, Pascale. **The world republic of letters**. Traduzido por M. B. DeBevoise. Cambridge, Massachusetts; London, England: Harvard University Press, 2004.

- CORRÊA, F. B. Introdução. In: BARRETO, Lima. **Sátiras e outras subversões**. São Paulo: Penguin, 2016. p. 11-75.
- _____. Lima Barreto's 'Marginália': The magazine writer's dream. In: **Machado de Assis em linha**, Rio de Janeiro. v. 7, n. 14, p. 61-81, dez. 2014.
- DE LUCA, Tania Regina. **A Revista do Brasil: Um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: Fundação da Editora da Unesp, 1999.
- DOYLE, Plínio; LYRA, Helena Cavalcanti de; SENA, Homero; COUTO, Ivette Maria S. Sanches do. **História de Revistas e Jornais Literários**, Índice da Revista Brasileira, volume II. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1995.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Os leitores de Machado de Assis: O romance machadiano e o público de literatura no século 19**. São Paulo: Nankin Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich; Pfeiffer, Ludwig (orgs). **Materialities of Communication**. Stanford: Stanford University Press, 1994.
- HAYLES, N. Katherine. How we think: transforming power and digital technologies, in BERRY, David M. (org). **Understanding digital humanities**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2012.
- KITTLER, Friedrich. **Discourse Networks, 1800/1900**. Traduzido por Michael Metteer com Chris Cullens. Prefácio de David Wellbery. Stanford University Press: Stanford, Califórnia, 1990.
- MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)**. São Paulo: Edusp, 2001.
- MARTINS, Wilson. **História da inteligência brasileira – volume IV (1877-1896)**. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1977-78.
- MORETTI, Franco. Conjeturas sobre a literatura mundial. Tradução de José Marcos Macedo. In: **Novos Estudos**. n.58 Nov 2000.
- MULLER, A.; FELINTO, E. Medialidade: encontro entre os estudos literários e os estudos de mídia **Contracampo**, Niterói, n. 19, 2008.
- NEVES, Fernão. **A Academia Brasileira de Letras – Notas e Documentos para a sua História (1896-1940)**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008 [1940].
- PARIKKA, Jussi. Postscript: Of Disappearances and the Ontology of Media (Studies), in IKONIADOU, Eleni; WILSON, Scott (orgs). **Media after Kittler**. Londres, Nova York: Rowman & Littlefield, 2015.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 1950**. Rio de Janeiro: E papers, 2007.
- ROCHA, João Cezar de Castro. Machado de Assis – The location of an author. In ROCHA, João Cezar de Castro (org). **The author as a plagiarist: The case of Machado de Assis**, 2005.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4º ed. (atualizada). Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- STERNE, Jonathan. **Mp3: the meaning of a format**. Durham e Londres: Duke University Press, 2012.
- TACK, Lieven. Relations interculturelles belges dans les revues littéraires (1869-1899). In: **Revue de littérature comparée**, n. 299, 2001/3, p. 379-396.
- WELLBERY, David E. Foreword, in KITTLER, Friedrich. **Discourse Networks, 1800/1900**. Traduzido por

Michael Metteer com Chris Cullens. Prefácio de David Wellbery. Stanford University Press: Stanford, Califórnia, 1990.

Acervos de correspondência:

Academia Brasileira de Letras

Oliveira Lima Library, Universidade Católica da América, Washington, D.C.

Acervos de periódicos:

Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional (FBN)

Biblioteca Nacional da França (Gallica)